

PIB do agronegócio cresceu 4,28% de janeiro a outubro de 2016

O Produto Interno Bruto (PIB) do agronegócio brasileiro, estimado pela Confederação de Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), em parceria com o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Esalq/USP, apresentou crescimento de 0,30% em outubro, acumulando alta de 4,28% de janeiro a outubro de 2016 (Figura 1). Entre os setores, o agrícola cresceu 0,43% no mês e segue em alta no acumulado do ano (5,41%). O se-

tor pecuário apresentou estabilidade em outubro (crescimento de 0,03%), acumulando aumento de 1,87% em 2016.

Quanto aos segmentos do setor agrícola, insumos, primário e serviços apresentaram crescimento em outubro, de 0,29%, 1,21% e 0,35%, respectivamente. Já na indústria, a queda foi de 0,02%. No acumulado de janeiro a outubro, o movimento foi de alta para todos os segmentos,

com elevação de 3,21% para insumos, de 9,83% no primário, de 2,93% na indústria e de 5,54% em serviços.

Na pecuária, foi verificado crescimento no segmento primário (0,16%) e quedas para insumos (-0,07%), indústria (-0,18%) e serviços (-0,04%). Ainda assim, no acumulado do ano, o crescimento é de 3,72% para insumos, 2,15% para primário, 0,52% para indústria e de 1,04% para serviços.

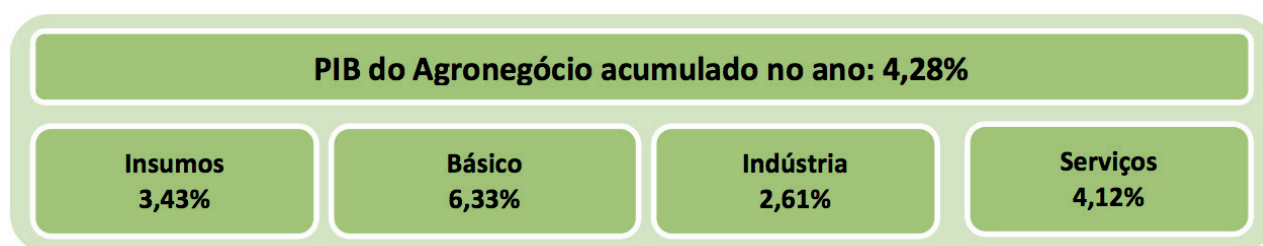


Figura 1 – Taxa de crescimento do PIB do agronegócio: janeiro a outubro/2016 em relação a janeiro a outubro/2015 | Fonte: Cepea/USP e CNA.

Segmento de insumos: rações seguem com preço em alta

O segmento de insumos agropecuários registrou alta de 0,14% em outubro, acumulando crescimento de 3,43% de janeiro a outubro de 2016 (Figura 1).

Entre as indústrias de insumos acompanhadas pelo Cepea, fertilizantes e adubos acumulam queda no faturamento anual, de 15,06%, motivada pela expectativa de redução na produção anual (-1,55%) e pelo recuo significativo de preços reais (-13,72%) no período de janeiro a outubro 2016 em comparação com mesmo período de 2015 (Figura 2).

Para a indústria de rações, a variação no faturamento do ano foi positiva no acumulado do período, em decorrência dos aumentos da projeção da produção (de 1%) e dos preços (11,33%). Segundo o Sindirações, a elevação verificada nos preços foi motivada, principalmente, pela forte alta dos preços do milho e do farelo de soja no período, conforme destacado

em relatórios anteriores.

Já para a indústria de combustíveis e lubrificantes, a estimativa de variação negativa do faturamento anual, de 17,30%, é resultado de preços 9,71% menores na comparação entre janeiro a outubro de 2016 com 2015 e da projeção de redução na quantidade produzida para o ano

(-8,40%), conforme consta na figura 2. Os dados negativos neste setor refletem a recessão da economia brasileira, uma vez que as vendas dos combustíveis no País (gasolina, etanol e diesel) têm se reduzido, conforme destacado anteriormente em outros relatórios.

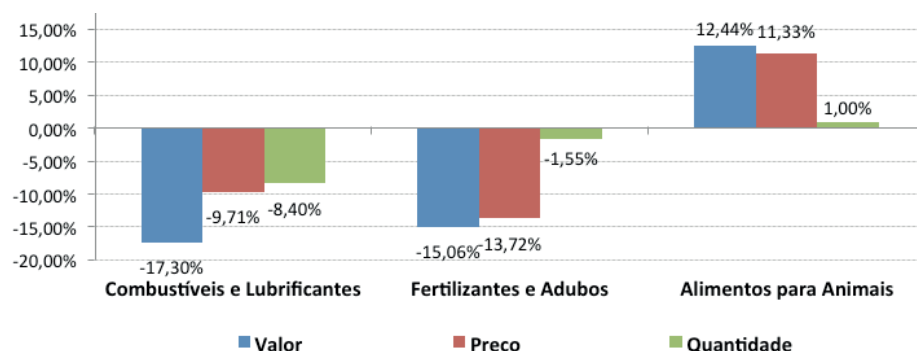


Figura 2 – Insumos: Variação anual do volume, dos preços e do faturamento (janeiro a outubro/2016 em relação a janeiro a outubro/2015)

Fonte: Cepea/USP e CNA (elaborado a partir de dados do IBGE, FGV, ANDA e Sindirações).

Preços em alta sustentam a elevação do setor primário

O segmento primário do agronegócio cresceu 0,75% em outubro, com alta de 6,33% no acumulado de janeiro a outubro. Entre os setores, o segmento primário da agricultura acumulou crescimento de 9,83% no mesmo período. O resultado veio do impulso nos preços reais médios da agricultura, de 18,00%, visto que a expectativa é de redução na produção anual, de 4,24%, na média das atividades agrícolas acompanhadas pelo Cepea para a evolução do PIB.

O comportamento das culturas acompanhadas – com base nas estimativas anuais de safra e na relação entre os preços de janeiro a outubro de 2016 comparado ao mesmo período de 2015 – é apresentado na Figura 3. Com base nas informações publicadas até o fechamento deste relatório, as lavouras que apresentaram crescimento no faturamento anual são: banana (47,46%), batata (29,07%), café (17,30%), cana-de-açúcar (15,90%), feijão (15,10%), laranja (37,16%), mandioca (115,09%), milho (23,37%), soja (4,45%) e trigo (33,39%).

Para o café, o aumento de 17,30% na renda esperada para o ano é reflexo da maior produção (18,81%), embora os preços tenham recuado 1,28% no período acompanhado, já descontada a inflação. Conforme destacado em relatórios anteriores, o aumento da produção cafeeira em 2016, segundo a Conab, está atrelado às maiores área e produtividade das lavouras de café arábica. A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) destaca a agregação de áreas que estavam em formação e a renovação decorrente de podas. Já a elevação de produtividade é decorrente do clima favorável e do ciclo de bionalidade positiva na maioria dos estados para a produção do arábica. Cabe destacar que a produção brasileira de café robusta registra significativa queda, devido à seca em importantes estados produtores da variedade, como Espírito Santo, Rondônia e Bahia.

Para a cana-de-açúcar, a elevação das cotações reais (11,07%) junto com o aumento da expectativa de produção anual (4,35%) sustentaram a variação positiva no faturamento anual esperado. De acordo com a Conab, colaboraram nes-

te contexto boas condições climáticas e umidade do solo verificadas em São Paulo, Paraná e regiões Nordeste, ainda que tenham sido verificadas retrações na produção em estados do Centro-Oeste e Minas Gerais.

No caso da laranja, o forte aumento real nos preços (43,58%) sustentou o resultado positivo do faturamento anual esperado para a cultura, dado que, em volume, espera-se redução de 4,74% para o ano. Segundo a equipe Hortifruti/Cepea, a combinação de baixa oferta do produto e elevada demanda para moagem mantiveram o preço da laranja em altos patamares em outubro.

Com relação à soja, o aumento no faturamento anual ocorre devido à alta dos preços (5,32%), dado que a expectativa para a produção anual foi de queda de 0,82% no acumulado do período. De acordo com a equipe Grãos/Cepea, os preços caíram novamente em outubro, pelo quarto mês consecutivo, embora tenha sido registrado crescimento no período analisado. A pressão nas cotações interna veio da maior oferta do produto no País em outubro.

Quanto ao milho, o forte aumento dos preços reais (56,91%), no acumulado de janeiro a outubro de 2016 frente ao mesmo período de 2015, sustentou a receita anual esperada para o ano, dado que a produção foi estimada em queda de 21,38%. De acordo com a equipe Grãos/Cepea, apesar da expressiva alta de preços acumulada no período, especificamente em outubro, houve recuo nos preços. Isso ocorreu devido à maior oferta por parte de traders e produtores, enquanto os compradores mantiveram-se retraídos, abastecendo-se apenas do consumo imediato e aguardando por redução de preços, pautados tanto na redução das exportações do grão quanto no bom resultado da safra de verão.

No caso da mandioca, o faturamento foi impulsionado pela forte elevação de preços (107,51%), no acumulado de janeiro a outubro de 2016 frente ao mesmo período de 2015, e pelo aumento da produção anual (3,65%). De acordo com pesquisadores Cepea/Esalq, o cenário é reflexo da

forte redução da oferta nos principais estados produtores, atrelado também aos baixos preços e à menor rentabilidade na safra anterior. Além disso, a produtividade do setor foi prejudicada pela podridão radicular em algumas lavouras, conforme já destacado em relatórios anteriores.

Os produtos com projeção de queda no faturamento anual, considerando-se informações disponíveis até o fechamento deste relatório, são: algodão (7,77%), arroz (4,03%), cacau (10,88%), cebola (12,35%), fumo (22,98%), tomate (42,42%) e uva (25,20%) (Figura 3).

No caso do algodão, a redução no faturamento anual está atrelada à queda na produção (-17,54%) prevista para o ano, já que os preços reais elevaram-se em 11,85% na comparação entre períodos. Segundo a Conab, a produção em 2016 foi prejudicada pela menor produtividade, pelo clima desfavorável à cultura e pela menor área semeada.

Para o arroz, a redução no faturamento está relacionada à queda da produção, estimada em 14,80%, embora os preços reais tenham aumentado 12,64%, no acumulado de janeiro a outubro de 2016 em comparação ao mesmo período de 2015. De acordo com a Conab, o excesso de chuvas ampliou o calendário oficial de plantio, o que acabou prejudicando a produção e a produtividade do arroz na região do Rio Grande do Sul.

Já com respeito ao tomate, a pressão no faturamento veio pela retração dos preços reais (-31,99%), na comparação entre períodos, e pela expectativa de queda na produção anual (-15,33%). De acordo com a equipe Hortifruti/Cepea, a produção foi prejudicada pelo clima frio e chuvoso. Já a queda nos preços é consequência do elevado patamar registrado no ano anterior.

Na Figura 3, são apresentadas as variações de volume estimadas para o ano, de preços reais (na comparação de janeiro a outubro de 2016 frente ao mesmo período do ano anterior) e de faturamento real das atividades primárias da agricultura.

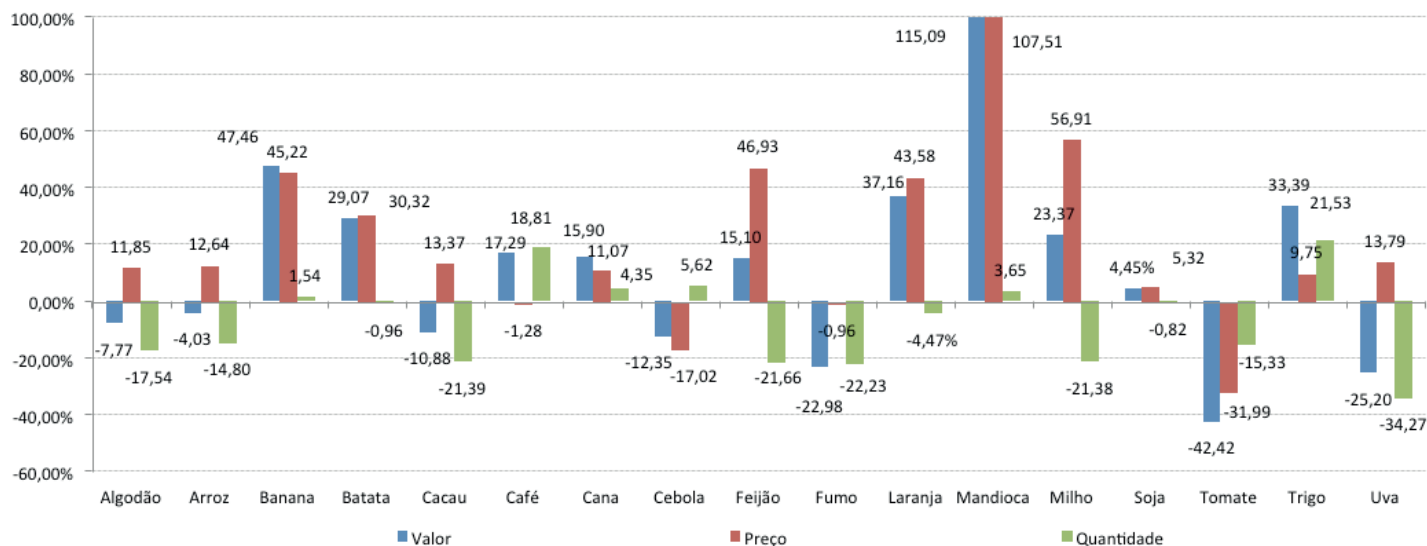


Figura 3 – Agricultura: Variação (%) anual do volume, dos preços e do faturamento (janeiro a outubro/2016 em comparação a janeiro a outubro/2015)
Fonte: Cepea/USP e CNA (elaborado a partir de dados do IBGE, Conab, IEA/SP, FGV, Cepea, Seagri/BA, UDOP).

Itens	Algo-dão	Arroz	Bana-na	Bata-ta	Cacau	Café	Cana	Cebo-la	Feijão	Fumo	La-ranja	Man-dioca	Milho	Soja	Toma-te	Trigo	Uva
Valor	-7,77	-4,03	47,46	29,07	-10,88	17,30	15,90	-12,35	15,10	-22,98	37,16	115,09	23,37	4,45	-42,42	33,39	-25,20
Preço	11,85	12,64	45,22	30,32	13,37	-1,28	11,07	-17,02	46,93	-0,96	43,58	107,51	56,91	5,32	-31,99	9,75	13,79
Quan-tidade	-17,54	-14,80	1,54	-0,96	-21,39	18,81	4,35	5,62	-21,66	-22,23	-4,47	3,65	-21,38	-0,82	-15,33	21,53	-34,27

Fonte: Cepea/USP e CNA (elaborado a partir de dados do IBGE, Conab, IEA/SP, FGV, Cepea, Seagri/BA, UDOP).

No segmento primário da pecuária, o aumento foi de 0,16% em outubro, acumulando elevação de 2,15% em 2016. Os resultados estão atrelados aos maiores preços médios reais das atividades, já que se espera uma produção anual média das atividades acompanhadas menor em relação ao ano anterior. Para o preço médio ponderado, estima-se elevação de 3,17% no ano, enquanto que, para a produção, a expectativa é de redução, de 0,44%.

Para a bovinocultura de corte, a queda esperada no faturamento anual ocorre devido à redução na produção estimada em 2,05% e à queda nos preços reais (-4,49%), considerando-se neste caso o acumulado dos dez primeiros meses de 2016 em comparação com mesmo período de 2015. Segundo a equipe Boi/Cepea, os preços permaneceram estáveis no decorrer de outubro. Mesmo com a baixa oferta de animais no período, os frigoríficos não mostraram interesse na compra do boi, o que impediu reajustes de preços ao longo do mês.

Na avicultura de corte, o aumento dos preços reais em 2,29%, na comparação entre períodos, e a projeção de aumento na quantidade produzida (2,36%) proporcionaram uma variação positiva no faturamento anual. Para a avicultura de postura, o comportamento foi similar,

com destaque para o aumento dos preços (17,71%), já descontada a inflação, e crescimento produção, em 5,36%. Segundo a equipe Ovos/Cepea, os preços foram impulsionados pela elevação dos custos e pelo aumento da demanda, efeito da crise econômica que resultou em maior substituição das carnes pelo ovo, conforme já destacado em relatórios anteriores.

Com relação à suinocultura, a queda da receita esperada para o ano é reflexo da retração observada nos preços reais

(-8,13%), na comparação entre períodos, embora a produção tenha aumentado 7,03% na projeção anual. Para os preços, apesar da baixa acumulada, especificamente para outubro, foi registrada estabilidade, segundo a equipe Suínos/Cepea. Apesar de a oferta de animais ter se reduzido, a queda da demanda não fortaleceu o aumento dos preços.

Na Figura 4, estão as variações dos preços reais, dos volumes produzidos e do faturamento das atividades da pecuária em 2016, no comparativo com 2015.

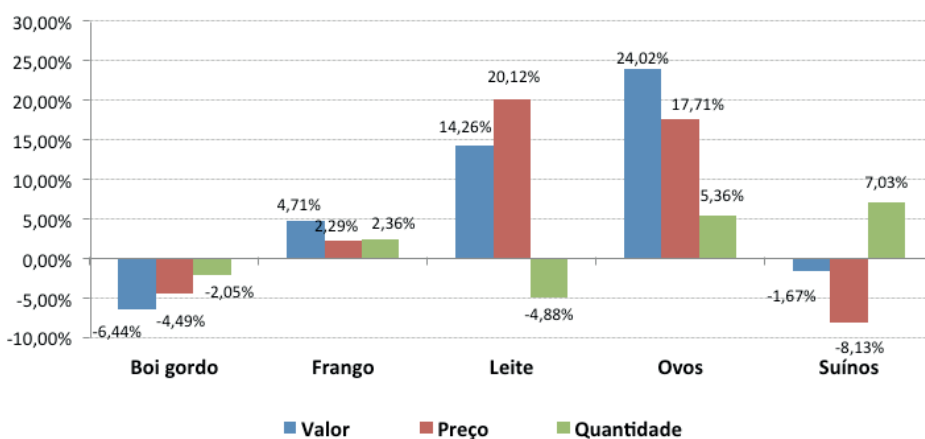


Figura 4 – Pecuária: Variação anual do volume, dos preços e do faturamento (janeiro a outubro/2016 em comparação a janeiro a outubro/2015)
Fonte: Cepea/USP e CNA (elaborado a partir de dados do Cepea e do IBGE).

Segmento industrial: processamento mantém alta no acumulado do ano

A agroindústria nacional recuou 0,04% em outubro, mas ainda acumula alta de 2,61% de janeiro a outubro de 2016 comparado com 2015 (Figura 1). Esse cenário observado em outubro é resultado de variações negativas tanto nas atividades de processamento vegetal (-0,02%) quanto animal (-0,18%). Para o acumulado de 2016, ambos os ramos apresentam crescimento no segmento, de 2,93% para agrícola e de 0,52% para o pecuário.

Na indústria de base agrícola, assim como observado para o segmento primário deste setor, o resultado positivo decorre da alta de preços – elevação real média de 7,10% –, tendo em vista a redução de 3,23% na produção média.

No acumulado de janeiro a outubro de 2016, as indústrias que apresentaram aumento no faturamento foram: celulose e papel (1,24%), elementos químicos (etanol) (4,57%), café (4,99%), açúcar (44,43%), óleos vegetais (4,30%) e outros alimentos (5,05%) (Tabela 2).

Para a agroindústria de celulose e papel, a elevação da produção, de 1,56%, susten-

tou a alta registrada no faturamento anual, dado que os preços recuaram 0,01% no período analisado. Para os preços, observou-se desaceleração no decorrer do ano, com variação negativa em outubro. De acordo com a equipe de Economia Florestal/Cepea, o recuo dos preços da celulose ao longo do ano no mercado interno exerceu impacto significativo na renda desta indústria, conforme destacado em relatórios anteriores.

No mercado de etanol, a redução na produção anual foi estimada em 8,51%. Segundo a Conab, a menor produção do combustível está atrelada à maior destinação da cana à produção de açúcar, dado o elevado preço deste produto no mercado internacional. Os preços registraram, em termos reais, crescimento de 15,32% na comparação entre janeiro a outubro de 2016 com relação ao mesmo período de 2015. Segundo a equipe Etanol/Cepea, os valores em outubro elevaram-se pelo quarto mês consecutivo, impulsionados pela baixa oferta do produto.

Na indústria açucareira, o crescimento do faturamento anual deve-se ao aumento

significativo dos preços reais (30,27%) e à expectativa de aumento na quantidade produzida (19,33%) para o ano. Segundo a equipe Açúcar/Cepea, os preços atrativos no mercado internacional de açúcar têm impulsionado a produção e os preços no mercado interno, conforme já destacado em relatórios anteriores.

Para as demais indústrias de base agrícola, houve retração acumulada no período: madeira e mobiliário (-11,20%), têxtil (-6,45%), vestuário (-11,15%) e beneficiamento de produtos vegetais (-0,51%) (Tabela 2). O desempenho negativo nessas indústrias relaciona-se, principalmente, a quedas na produção estimada para o ano, decorrentes principalmente da diminuição da demanda interna, devido à crise econômica do País.

Na Figura 5, são apresentadas as variações de volume, preços reais e de faturamento das principais agroindústrias de janeiro a outubro de 2016, frente ao mesmo período de 2015.

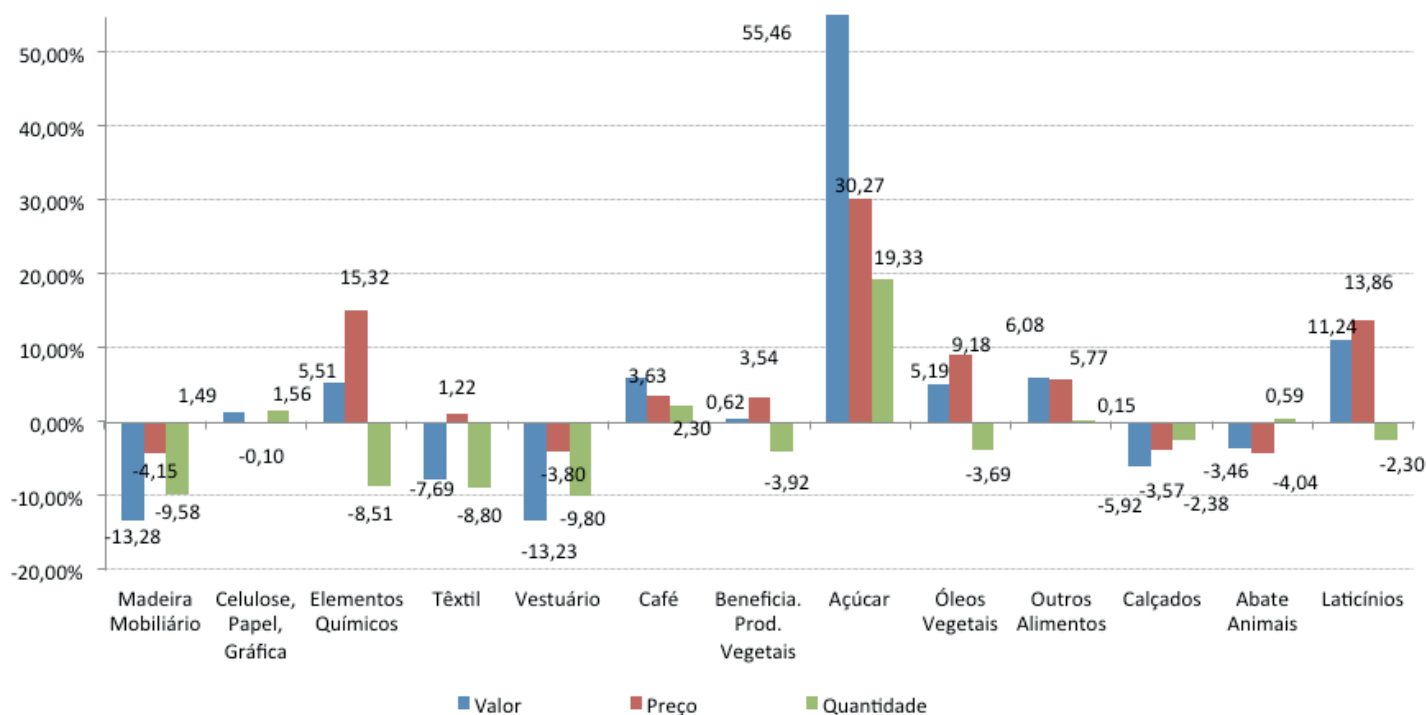


Figura 5 – Agroindústrias: variação anual do volume, preços e faturamento (janeiro a outubro/2016 em relação a janeiro a outubro/2015)
Fonte: Cepea/USP e CNA (elaborado a partir de dados do IBGE, FGV e Cepea).

No caso do segmento industrial da pecuária, apenas a indústria de laticínios registrou crescimento no período (9,28%). Já as indústrias de abate de animais e de calçados apresentaram retrações, de 2,89% e

de 4,96%, respectivamente (Tabela 2).

Para a indústria de laticínios, espera-se queda na quantidade produzida, em torno de 2,30%, enquanto que, para preços,

a comparação do acumulado de janeiro a outubro de 2016 com mesmo período de 2015, ocorreu alta de 13,86%, já descontado a inflação. De acordo com a equipe Leite/Cepea, o aumento nos preços no

acumulado de 2016 está relacionado à valorização da matéria-prima. Em outubro, especificamente, os valores dos derivados apresentaram queda, devido à maior oferta de leite e demanda enfraquecida.

Na indústria do abate, a variação negativa no faturamento anual é resultado da queda de preços (-4,04%) na comparação entre janeiro a outubro de 2016 e o mesmo período de 2015. Quanto à produção, espera-se crescimento de 0,59% para o ano. Com um cenário econômico de recessão vivenciado pelo Brasil, consumidores têm buscado alternativas no consumo de pro-

teína (ovos e frango), o que tem resultado em queda nas vendas e pressionado as cotações do setor ao longo do ano.

Segundo a equipe Boi/Cepea, em outubro, a oferta de animais para abate esteve reduzida, mantendo o preço do animal em patamar elevado, refletindo-se na cotação da carne. Com relação ao mercado externo, as exportações brasileiras de carne bovina in natura caíram 10,3% de setembro para outubro, somando 83,42 mil toneladas, segundo dados da Secex. Já no acumulado de 2016 (de janeiro a outubro), as exportações brasileiras de carne bovina

somam 914,54 mil toneladas, 4,5% acima da quantidade do mesmo período do ano anterior.

Para a indústria de couro e calçados, a queda no faturamento anual deve-se à redução esperada na produção anual (-2,38%) e à queda nos preços reais (-3,57%) entre janeiro a outubro de 2016 frente ao mesmo período de 2015. O atual cenário econômico brasileiro e a redução da demanda interna têm gerado reduções no faturamento desta indústria.

Segmento de serviços

O segmento de *serviços do agronegócio*, que compreende todos os serviços de comercialização e distribuição dos produtos agropecuários e agroindustriais, registrou crescimento de 0,23% em outubro, acumulando alta de 4,12% nos primeiros

dez meses de 2016. No mês, o impulso veio do crescimento do setor agrícola, sendo este fundamental para a sustentação do resultado final. Para o ramo pecuário, houve ligeira queda de -0,04% no mês, mas, no acumulado do ano, o

resultado permanece positivo (1,04%). Em outubro, para os serviços referentes à agricultura, a alta registrada foi de 0,35% e, no acumulado, de 5,54%.

Conclusões

De janeiro a outubro de 2016, o PIB do agronegócio brasileiro acumulou crescimento de 4,28%. Tanto para o setor agrícola quanto para o pecuário, especialmente no segmento primário, a valorização real dos preços tem contribuído para o desempenho positivo dos segmentos, uma vez que, em volume, o cenário para importantes atividades tem sido de baixa. Especificamente em outubro, as elevações da renda entre os setores foram de 0,43% para o agrícola e de apenas 0,03% para o pecuário, resultando em crescimento de 0,30% para o agronegócio no mês.

No segmento de insumos, o destaque positivo tem sido a indústria de rações, impulsionada principalmente por preços mais elevados, catalisados pela elevação das cotações do milho e farelo de soja. Em contrapartida, verificam-se quedas nos preços dos fertilizantes, combustíveis e lubrificantes, este último importante indicador de desempenho da economia que tem refletido a persistência do atual contexto de recessão.

O segmento primário agrícola foi impulsionado pelo desempenho positivo de uma série de produtos dentre os quais, banana, cana, mandioca e trigo, com acréscimos de preço e de quantidade produzida, além de batata, feijão, milho, laranja e soja, com acréscimos de preço que superaram as respectivas quedas de produção. Já no caso do café, o desempenho positivo foi resultado de significativo aumento da quantidade produzida apesar de uma modesta queda de preços.

No segmento primário da pecuária, enquanto o frango destacou-se como impacto positivo, a bovinocultura de corte pressionou o desempenho do segmento. Tal fato reflete, em certa medida, a substituição do consumo de proteínas mais caras pelas de menor valor.

A atividade industrial apresentou resultado negativo em outubro, mas ainda mantendo valor positivo no acumulado. O destaque positivo segue com a atividade sucroenergética, que vem beneficiando-se das altas cotações do açúcar no mer-

cado global. No caso do processamento de produtos de origem animal, a indústria de laticínios foi o único dos setores acompanhados a apresentar resultado positivo, impulsionado pela forte elevação de preços do setor, devido à valorização da matéria-prima.

Com relação ao ambiente macroeconômico brasileiro, o cenário segue desfavorável e 2016 confirma ser um ano de recessão significativa. O relatório Focus do Banco Central (30 de dezembro de 2016) indica projeção de queda de 3,49% do PIB esperada pelo mercado. Com a desaceleração da atividade econômica e a consequente distensão do mercado de trabalho, a inflação vem dando sinais de arrefecimento. Mas a resiliência da crise político-institucional brasileira e a incerta eficácia das reformas apresentadas pelo governo projetam a permanência de um contexto de incerteza em 2017, impactado nos níveis de confiança para investimentos no País. 🌱

Tabela 1 - Variação do PIB do agronegócio nacional (%)

2016/2015	AGROPECUÁRIA				
	Insumos	Primário ^(A)	Indústria	Serviços	Agronegócio Global ^(B)
Outubro	0,08	0,17	0,29	0,03	0,15
Novembro	0,48	0,46	0,74	0,60	0,58
Dezembro	0,42	0,65	0,13	0,18	0,33
Janeiro	0,28	0,51	0,36	0,31	0,38
Fevereiro	0,43	0,64	0,89	0,80	0,73
Março	-0,04	0,11	0,50	0,21	0,23
Abril	0,17	0,30	0,27	0,32	0,28
Mai	0,23	0,37	0,17	0,25	0,26
Junho	0,85	1,21	0,18	0,53	0,68
Julho	0,41	0,60	-0,72	0,09	0,06
Agosto	0,64	1,07	0,47	0,74	0,76
Setembro	0,29	0,58	0,50	0,56	0,52
Outubro	0,14	0,75	-0,04	0,23	0,30
Acum. no Período (2016)	3,43	6,33	2,61	4,12	4,28

Obs.: (A) Envolve as atividades primárias: “dentro da porteira”; (B) Engloba os quatro segmentos: insumos, primário, indústria e Serviços.

2016/2015	AGRICULTURA				
	Insumos	Primário ^(A)	Indústria	Serviços	Agronegócio Global ^(B)
Outubro	0,53	0,68	0,36	0,17	0,40
Novembro	0,88	1,00	0,84	0,89	0,90
Dezembro	0,69	1,12	0,15	0,22	0,46
Janeiro	0,61	1,20	0,44	0,57	0,68
Fevereiro	0,50	0,92	1,02	1,08	0,96
Março	-0,10	0,29	0,58	0,34	0,37
Abril	-0,01	0,39	0,35	0,48	0,36
Mai	0,27	0,71	0,18	0,37	0,37
Junho	1,05	1,90	0,21	0,69	0,85
Julho	0,28	0,95	-0,89	0,02	-0,04
Agosto	0,25	1,06	0,48	0,77	0,69
Setembro	0,02	0,80	0,55	0,74	0,62
Outubro	0,29	1,21	-0,02	0,35	0,43
Acum. no Período (2016)	3,21	9,83	2,93	5,54	5,41

Obs.: (A) Envolve as atividades primárias: “dentro da porteira”; (B) Engloba os quatro segmentos: insumos, primário, indústria e Serviços.

2016/2015	PECUÁRIA				
	Insumos	Primário ^(A)	Indústria	Serviços	Agronegócio Global ^(B)
Outubro	-0,54	-0,41	-0,14	-0,28	-0,36
Novembro	-0,06	-0,17	0,06	-0,03	-0,09
Dezembro	0,03	0,09	-0,02	0,07	0,06
Janeiro	-0,19	-0,30	-0,19	-0,25	-0,26
Fevereiro	0,32	0,32	0,04	0,18	0,24
Março	0,04	-0,10	-0,01	-0,07	-0,06
Abril	0,42	0,20	-0,24	-0,04	0,11
Mai	0,18	-0,04	0,08	-0,02	0,02
Junho	0,56	0,36	0,04	0,17	0,30
Julho	0,59	0,16	0,40	0,23	0,28
Agosto	1,18	1,08	0,38	0,69	0,90
Setembro	0,65	0,30	0,21	0,17	0,31
Outubro	-0,07	0,16	-0,18	-0,04	0,03
Acum. no Período (2016)	3,72	2,15	0,52	1,04	1,87

Obs.: (A) Envolve as atividades primárias: "dentro da porteira"; (B) Engloba os quatro segmentos: insumos, primário, indústria e Serviços.

Fonte: CEPEA-USP e CNA

Tabela 2 - Variações Mensais e o Acumulado no ano (%) da Agroindústria 2016

2016/2015	INDÚSTRIA					
	Madeira e Mobiliário	Celulose, Papel e Gráfica	Elementos Químicos	Têxtil	Vestuário	Café
Outubro	-2,01	1,02	2,73	-2,53	-1,75	0,24
Novembro	-1,90	0,44	2,45	-2,47	-1,69	0,28
Dezembro	-2,20	0,73	2,03	-1,81	-2,70	0,31
Janeiro	-1,19	0,61	1,67	-1,37	-1,40	0,06
Fevereiro	-1,15	0,84	1,61	-1,44	-1,22	-0,11
Março	-1,49	0,65	2,46	-1,73	-1,30	0,13
Abril	-1,49	0,33	0,28	-1,63	-1,13	0,21
Mai	-1,74	0,43	0,23	-1,21	-1,29	0,27
Junho	-1,83	-0,10	0,77	-1,14	-1,78	0,36
Julho	-1,36	-0,43	-3,99	-0,48	-1,30	0,50
Agosto	-0,80	-0,51	0,68	0,31	-1,49	0,61
Setembro	-0,72	-0,45	0,74	0,99	-0,43	0,40
Outubro	-0,02	-0,13	0,15	1,10	-0,41	2,48
Acum. no Período (2016)	-11,20	1,24	4,57	-6,45	-11,15	4,99

2016/2015	INDÚSTRIA						
	Beneficiamento de Produtos Vegetais	Açúcar	Óleos Vegetais	Outros Alimentos	Calçados	Abate de Animais	Laticínios
Outubro	-1,07	-5,66	2,25	0,07	-1,75	-0,13	0,29
Novembro	2,01	0,75	0,99	0,45	-1,31	0,27	0,02
Dezembro	-2,01	1,39	1,03	-0,19	-1,79	0,19	0,02
Janeiro	-0,71	3,12	1,66	-0,01	-0,89	-0,22	0,05
Fevereiro	3,64	2,88	1,49	0,22	-0,66	-0,02	0,36
Março	-1,19	2,00	0,51	0,23	-0,89	-0,14	0,49
Abril	1,63	2,35	0,75	0,38	-0,73	-0,52	0,47
Mai	-0,34	2,64	1,06	0,55	-0,82	-0,27	1,05
Junho	-1,05	3,46	0,98	0,63	-0,74	-0,37	1,10
Julho	-1,14	7,76	0,47	1,07	-1,12	-0,03	1,68
Agosto	0,51	4,29	-0,51	0,92	0,31	-0,21	1,56
Setembro	0,67	4,43	-0,13	0,78	-0,01	-0,60	1,84
Outubro	-2,41	4,64	-2,01	0,19	0,50	-0,54	0,33
Acum. no Período (2016)	-0,51	44,43	4,30	5,05	-4,96	-2,89	9,28

Fonte: CEPEA-USP e CNA

Tabela 3 – PIB do agronegócio brasileiro de 1994 a 2016 (R\$ bilhões de 2016*)

AGROPECUÁRIA					
	INSUMO	PRIMÁRIO	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	TOTAL
1994	80,34	215,74	302,61	302,40	901,10
1995	77,86	221,11	324,67	303,78	927,43
1996	78,71	212,68	310,41	310,58	912,38
1997	77,63	209,66	312,17	304,85	904,31
1998	82,25	222,73	295,72	308,85	909,55
1999	89,36	222,48	303,73	310,74	926,31
2000	92,07	220,57	306,84	307,74	927,22
2001	95,79	230,71	304,52	312,40	943,42
2002	109,82	258,17	322,24	336,28	1.026,51
2003	123,54	288,69	331,48	349,88	1.093,59
2004	125,26	286,20	348,22	361,85	1.121,53
2005	112,53	258,29	348,67	349,79	1.069,29
2006	109,51	252,79	358,49	353,34	1.074,13
2007	123,73	283,59	374,09	377,49	1.158,90
2008	145,76	325,19	383,96	397,36	1.252,28
2009	129,87	300,52	369,01	380,43	1.179,82
2010	136,09	333,33	393,50	405,84	1.268,76
2011	152,98	372,70	388,09	420,77	1.334,54
2012	152,49	362,11	373,03	408,37	1.296,01
2013	158,60	394,51	385,42	424,69	1.363,22
2014	162,45	411,31	383,41	428,78	1.385,96
2015	167,15	420,16	386,28	432,54	1.406,13
2016	172,88	446,75	396,36	450,35	1.466,33

AGRICULTURA

	INSUMO	PRIMÁRIO	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	TOTAL
1994	51,46	126,12	255,89	216,55	650,02
1995	49,03	126,15	272,89	213,61	661,69
1996	50,83	125,45	258,21	221,33	655,83
1997	50,68	125,20	262,55	218,62	657,05
1998	53,26	131,77	248,17	218,11	651,30
1999	56,01	124,95	255,43	215,69	652,10
2000	55,44	116,04	257,98	209,37	638,83
2001	58,63	125,94	254,49	211,95	651,01
2002	68,29	148,52	271,36	232,17	720,34
2003	78,64	172,22	281,11	243,47	775,44
2004	79,42	169,23	296,30	252,95	797,90
2005	67,46	143,06	297,83	243,44	751,80
2006	66,62	142,69	310,07	252,21	771,58
2007	75,86	160,18	321,89	265,98	823,91
2008	92,38	187,27	329,25	276,38	885,28
2009	79,55	170,01	320,04	268,90	838,51
2010	83,17	190,76	342,70	288,07	904,70
2011	93,05	216,60	336,67	297,13	943,45
2012	93,78	216,20	325,46	293,37	928,81
2013	94,27	221,87	334,68	296,55	947,37
2014	93,67	222,58	331,48	292,77	940,50
2015	97,23	228,67	335,23	295,93	957,06
2016	100,35	251,14	345,04	312,33	1.008,87

PECUÁRIA

	INSUMO	PRIMÁRIO	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	TOTAL
1994	28,89	89,63	46,72	85,85	251,08
1995	28,84	94,96	51,78	90,17	265,74
1996	27,87	87,23	52,20	89,25	256,55
1997	26,95	84,45	49,62	86,23	247,26
1998	28,98	90,97	47,56	90,74	258,25
1999	33,35	97,52	48,30	95,04	274,22
2000	36,63	104,53	48,86	98,37	288,39
2001	37,16	104,77	50,03	100,45	292,41
2002	41,53	109,65	50,88	104,11	306,17
2003	44,90	116,48	50,36	106,42	318,15
2004	45,83	116,97	51,92	108,91	323,63
2005	45,07	115,23	50,84	106,35	317,49
2006	42,89	110,10	48,42	101,13	302,55
2007	47,87	123,41	52,20	111,51	334,99
2008	53,38	137,93	54,71	120,98	367,00
2009	50,32	130,50	48,97	111,52	341,31
2010	52,92	142,57	50,81	117,77	364,06
2011	59,93	156,09	51,42	123,64	391,09
2012	58,71	145,91	47,57	115,01	367,20
2013	64,34	172,64	50,73	128,14	415,84
2014	68,78	188,74	51,93	136,01	445,46
2015	69,92	191,49	51,05	136,60	449,06
2016	72,52	195,61	51,32	138,02	457,47

Fonte: CEPEA-USP e CNA

* tomando-se como base a taxa de crescimento acumulada em 2016